

cultural



Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Junho 2014 – Nº 258

A Origem do Poder

Luiz Antonio Sampaio Gouveia

Leonardo Frankenthal foi conhecido advogado criminalista. Sempre distinto entre seus iguais, formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco — hoje Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, quando deveria ser a USP a universidade da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, pela precedência e pela História; mas isso é outro assunto.

Mestre Leonardo, como era chamado, emerge de uma turma incomum; foi colega, na Academia de São Paulo, de figuras de escol. Da Advocacia, Ives Gandra da Silva Martins e Márcio Thomás Bastos graduaram-se com ele; José Yunes e Adolfo Milani foram seus amigos e colegas; e dentre muitos tão famosos quanto ele (se os fosse citar, nem mais teria onde escrever), ainda Sydney Sanches, Ministro do Supremo Tribunal Federal da República Federativa do Brasil.

Exímio — como dizia — na boa bruxaria da Advocacia Criminal, encargo humano que tange o hermético da motivação humana, considerava-a um fetiche cuja vara de condão não se eterniza em mãos dos que não se nutrem pelos mais lídimos e humanistas ideais (que fora o que me dissera, em muitas de suas estórias, que ouvi, em nossa amizade de seus últimos dias).

Certa feita, em tarde de dezembro de horário de verão, quando nossa fraternidade já propendia a uma relação quase filial, depois de uma incursão por seus livros digerindo agradável jantar em sua casa, passeávamos, refletindo sobre a vida, em um jardim doméstico. Não tão grande que não fosse o de uma residência, mas

suficientemente arborizado para conter centenárias árvores, a compor um cenário peripatético, em que a insolação fazia pouco transpirar, mas sem que fosse causticante o cenário vivido.

Nesse ponto, **Mestre Leonardo** contava-me suas façanhas, da época que os de hoje chamam Ditadura Militar, e caminhávamos em um périplo com paisagem limítrofe da poesia e em que, passeantes, conversávamos deambulando e alternando nossos caminhos, por entre raios solares luminosos, mas minguantes, e à sombra reconfortante de frondosas plantas, enquanto o crepúsculo cuidava de fechar o dia, preparando a noite que vagorosamente caía; atentos, nós dois, igualmente ao que falávamos e ouvíamos um para o outro; como se tratássemos recônditos segredos.

De repente, houve por perguntá-lo:

— **Professor, quem manda no mundo? A pena do Juiz ou a espada do militar?**

Frankenthal, que caminhava pouco atrás de mim, segurando meu braço direito, recuou impetuosamente, largando-me e mesmo me assustando.

Fitou-me com seriedade e, com seu olhar expressivo e inteligente, o então querido, e agora muito saudoso Mestre, como se revelasse o mais saboroso e sábio dos segredos, de pronto respondeu-me:

— **A vaselina...**

Luiz Antonio Sampaio Gouveia
Advogado e Escritor

Uma noite difícil

Milton A. de Toledo Barros

Em geral não contamos a outrem as nossas deficiências, não fazemos “ato de contrição” relatando nossas culpas. O que passou ficou para trás, só Deus sabe. Também não ficamos exaltando nossas qualidades procurando reconhecimentos. São procedimentos normais do homem.

Acontece que o Dr. William gosta de escrever e, como seus artigos têm tido boa receptividade, sente-se com ânimo para trazer do passado para o papel mais algumas lembranças.

Vamos então para mais de 50 anos passados. Para Borrazópolis, cidade onde nasceu seu primeiro filho, situada no Estado do Paraná, bem ao Sul de Apucarana, próximo ao lindo Rio Ivai, que num passado ainda mais longínquo chegou a ser navegado, ou invadido pelas famosas Missões Jesuíticas.

Junto com mais dois colegas, o Dr. William era sócio em um hospital, construído de madeira. A energia elétrica era precária na cidade, que, por sua ótima terra roxa, despontava como grande município produtor de café. Para suprir essa deficiência, eles tinham um bom gerador, que, entretanto, fazia um barulho ensurdecido quando ligado; jocosamente era chamado de “megatério”. Ficava próximo da sala de cirurgia.

Haviam se esforçado a fim de que o hospital fosse provido de um mínimo satisfatório para atender os clientes. Contavam com um modesto aparelho de raios X e um pequeno laboratório de análises. Apucarana era longe, distava 80 quilômetros, e a estrada de terra passava por terreno bastante acidentado.

Os médicos eram bons amigos, a cooperação era intensa nos casos que necessitavam de internamentos e, principalmente, nas fraturas e cirurgias.

Certa vez, entre nove ou dez horas da noite, aconteceu um chamado urgente. Na zona rural, teria havido brigas e mortes. Dizia-se que havia muitos feridos graves.

Os três médicos correram para o Hospital Santa Luzia. Dois deles lá permaneceram tomando providências para o que viesse. A enfermagem era modesta, os médicos teriam que também auxiliar nesse particular.

Dr. William partiu de imediato em uma caminhonete levando a maleta para atendimentos de emergência.

Chegando ao local, ficou pasmo, sinceramente dava dó de presenciar o acontecido. Componentes de duas famílias, por motivos que poderiam ter sido sanados com entendimentos, haviam entrado em violenta luta, com facas, foices, garruchas. Choro, lamentos e sangue nas duas casas de tábuas, próximas. Parecia que tinha ocorrido um combate de guerra. Duas famílias de trabalhadores que labutavam intensamente no cafezal e nas roças de mantimentos tinham se enfrentado em luta insana. É provável que anteriormente já houvesse acontecido rixas entre eles. Espetáculo triste, tétrico, desesperador.

Em um caminhão de fazenda vizinha os feridos de ambas as famílias foram colocados lado a lado. Ouviam-se gemidos; e “também um silêncio”. O médico teve que se virar, tentando prestar algum cuidado mais urgente. Um paciente com grave ferimento no abdome apresentava intestinos e epíplons para fora. Esses órgãos, contrariando qualquer princípio de higiene, tiveram que ser lavados com água de mina, para ao menos ser removida a terra que os contaminava.

Analgésicos e tranquilizantes foram distribuídos. O caminhão partiu, roncando, com aquela carga fatídica, pela noite afora.

Chegando ao hospital, tentou-se estabelecer alguma prioridade. É difícil se recordar bem dos ferimentos. Era 11 o número de feridos. Até o momento não tinha nenhum morto. Havia um homem que fora escalpelado, a foice tinha lhe pegado por trás da cabeça, na região occipital; levantou-se todo o couro cabeludo, quase caindo para a face. Entretanto, apesar do aspecto feio do ferimento, tinha pressão arterial normal. Foi contida a hemorragia, e esse caso ficou para depois; levaria tempo precioso para se fazer a sutura.

O tal homem que estava com os intestinos para fora foi operado, logo depois dos atendimentos rápidos prestados a outros feridos. Sua pressão arterial encontrava-se praticamente em zero. Durante o ato cirúrgico, recebeu transfusão

de sangue, além de outros medicamentos. Felizmente o hospital era provido de frascos “Baxter”, dotados de pressão negativa para se recolher o sangue de doadores. A cirurgia em si não foi difícil. Contida a perda sanguínea, o paciente foi reagindo, ficou bom.

Não referimos outros cuidados médicos que foram prestados. Não são necessários. Um dos pacientes apresentava fratura de clavícula, perfuração pulmonar e pneumotórax. Devido a complicações que surgiram, teve um longo internamento.

Para se manterem firmes, os esculápios tomaram tanto café e chimarrão que, estimulados pela cafeína, atravessaram bem a noite e toda a manhã em que se prolongou a faina de atendimentos.

A esposa do Dr. William foi solidária em tudo. Eram recém-casados. Com as amigas, esposas dos outros colegas, prestou silenciosa e eficiente retaguarda.

Felizmente, ninguém morreu. *Deo gratias.*

Capítulo do livro “Perdidos no Pantanal”, publicado em 2007, pela Editora Microlins (com adaptações). Nota — o autor usou o pseudônimo Dr. William.

A Bacanal Final

Distúrbio de comportamento...

Obsessão, insensatez, angústia...

Tremores, abalos, contrações.

Convulsão!

Inquietação do ego

Tensão, tristeza, ansiedade.

Bulimia, disforia, autismo

Mais graves: Ambivalência

Pior, afetividade fragmentada.

Inquietação do Id.

O exposto relatado. Somados:

Soma e psique, levam o corpo a

Deteriorar-se, abater-se, destruir-se.

Gradualmente, lentamente.

Benzodiazepínicos, ansiolíticos.

Lítio, tricíclicos, antipsicóticos.

Psicoterapia, eletrochoque

(Tortura psiquiátrica).

Tratamento familiar e a mente sempre a apagar-se.

Conclui-se então: Melhor seria que Clotos, Láque-
sis e Átropos, as três parcas,

Acionassem Megera e ela viesse para

A bacanal infernal:

A Morte.

Caxambu, 1996.

Luiz Roberto da Silva Lacaz

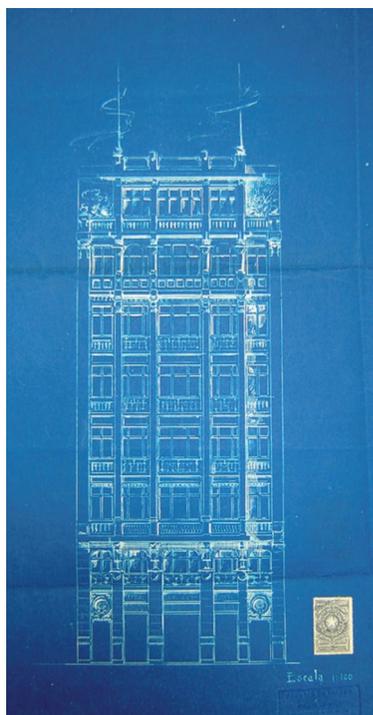
Milton A. de Toledo Barros

*Médico psiquiatra aposentado, membro da
Associação Brasileira e Paulista de Medicina*

Edifício Guinle

o 1º arranha-céu de São Paulo

Nelson Di Francesco



Fachada, como aprovada em 1912, com 8 pavimentos e ainda sem as edículas da cobertura



Fachada atual, onde funciona a loja de calçados MUNDIAL

Situado na Rua Direita nº 37/49, o Edifício Guinle é considerado o primeiro arranha-céu construído na cidade de São Paulo, entre os anos de 1913 e 1916, com seus portentosos oito andares — um colosso para a época.

Foi projetado pelos engenheiros Hyppolito Gustavo Pujol Junior (1880-1952) e Augusto de Toledo. O engenheiro Pujol foi professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e projetou também o prédio onde hoje se localiza o Centro Cultural do Banco do Brasil (Rua Álvares Penteado x Rua da Quitanda) e o Edifício Rolim, ambos no centro da cidade.

Guinle é o precursor da verticalização da cidade de São Paulo, além de um dos pioneiros no uso da técnica de concreto armado.

No mês de setembro de 1912, o engenheiro José de Sá Rocha, então técnico da Diretoria de Obras Municipais,

“analisou o projeto de um edifício de cimento armado, com oito pavimentos, a ser construído na Rua Direita, nº 7 (atual nº 49). A obra teria 32 metros de altura total e isso significava o dobro da altura dos prédios que lhes ficariam próximos e fronteiros — na maioria, construções de tijolos, com três pavimentos, erguidas a partir dos anos 90 do século XIX...” (cf. Dr. Eudes Campos, *in Informativo do Arquivo Histórico Municipal*, março/abril 2007).

Ao projeto original foram acrescentadas duas edículas, elevando sua altura para 36 metros. O ecletismo da obra tem influência maior do estilo *art nouveau* austríaco, e os motivos florais conferem leveza e sobriedade à construção.

“A família carioca que dá nome à construção, uma das mais ricas do país à época, decidiu construir o prédio para manter na capital uma sede da Guinle & Cia., que havia ganhado a concessão para construir o porto de Santos. De

lá pra cá, o imóvel passou por outros donos até ser comprado pelos sócios da Mundial Calçados, em 1977” (cf. Giba Bergamim Jr., revista *Veja São Paulo*, setembro 2010).

O edifício é tombado pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Paulo) e foi restaurado no ano de 2011, com obras bancadas pela empresa proprietária.

Anos mais tarde (1924), após a construção do Guinle, surge o Edifício Sampaio Moreira, localizado na Rua Líbero Badaró ns.º 340 e 350, com doze andares; em seu andar térreo funciona até hoje a tradicional mercearia “Casa Godinho”.

Esse edifício seria logo depois superado pelo admirável Prédio Martinelli (1924-1929), que em sua versão definitiva atingiu a espantosa altura de 105,65 metros, contando os últimos andares, que serviram de residência ao seu proprietário, o Comendador Giuseppe Martinelli... Mas essa é uma história que ficará para ser abordada mais tarde e com detalhes, afinal a Associação Paulista de Medicina esteve instalada no 13º andar, entre setembro de 1931 e fevereiro de 1944.

Nelson Di Francesco
Pesquisador histórico

Analogias em Medicina (n. 33)

Melancia no Estômago. A melancia é trepadeira anual (*Citrullus lanatus* ou *Citrullus vulgaris*) da família das cucurbitáceas, com caule rasteiro, folhas trilobadas, gavinhas bífidadas, pepônios muito grandes, e polpa sucosa avermelhada e doce. Nativa da África e naturalizada nas Américas, é muito cultivada em vários países. No Brasil, indica também pessoa que se apresenta ideologicamente como de direita, mas pertence a grupos de esquerda ou possui pensamento politicamente afinado com estes (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). A imprensa escrita e televisiva explora, fisicamente, a chamada *mulher melancia*, o que não se aplica a esse pudico artigo.

O fruto, também chamado melancia, é esférico ou oblongo, pode medir de 20 a 75 cm, tem polpa muito sucosa e refrigerante e grande número de sementes. Varia de tamanho e de peso, podendo atingir 25 kg. Sua polpa é tão vermelha quanto a do baço e contém 90% de água, o aminoácido citrulina, bem como açúcar e vitaminas. Uma doença metabólica relacionada à citrulina é a chamada citrulinemia, de natureza hereditária e por deficiência de argininossuccinato sintase. A citrulina relaxa e dilata os vasos sanguíneos. Há referências, não comprovadas cientificamente, de que a ingestão da melancia, devido ao teor de citrulina, teria ação semelhante à do Viagra ou similares.

Há relatos de que a melancia foi cultivada há 5 mil anos no Egito, onde crescia com facilidade e era muito apreciada pelo seu sabor e pela sua beleza, sendo registrada em pinturas antigas. Segundo historiadores, quando os israelitas caminhavam pelo deserto, após sua saída do Egito, a melancia (e não o melão) foi levada por eles para se hidratarem.

Uma condição patológica admitida como sequela de trauma ou de prolapso da mucosa gástrica antral é indicada

pelo acrônimo GAVE (*gastric antral vascular ectasia*). O termo se refere apropriadamente ao exame endoscópico. O antro, à endoscopia digestiva, apresenta listras longitudinais, paralelas entre si, intensamente avermelhadas (enantematosas), situadas nas cristas das pregas da mucosa. Este aspecto foi comparado a listras de melancia e nomeado estômago em melancia. O trabalho original foi de JABBARI M., CHERRY R., LOUGH JO, DALY DS., KINNER DG. and GORESKY, CA. Gastric antral vascular ectasia: the watermelon stomach. *Gastroenterology* 87: 1165-1170, 1984. Este quadro endoscópico corresponde, histologicamente, a muitos capilares superficiais dilatados e congestos na lâmina própria da mucosa, alguns contendo trombos de fibrina, coexistindo hiperplasia fibromuscular. O estômago em melancia é entidade rara, porém é causa de hemorragia digestiva alta e anemia ferropriva, necessitando, eventualmente, de reposição de derivados do ferro e de hemotransfusão. Pode ser necessário tratamento cirúrgico para coibir o sangramento (antrectomia). É mais comum em pessoas idosas, sobretudo em mulheres com anemia ferropriva.

(Texto baseado em artigo acima referido e também em ALBUQUERQUE, W. MOREIRA, EF E GALIZZI FILHO, J. Ectasia vascular do antro gástrico: tratamento com ligadura elástica múltipla. *GED-Vol. 17, N°3-Mai/Jun, 1988*; e PENA, GP; ANDRADE-FILHO, JS. Analogies in medicine: valuable for learning, reasoning, remembering and naming. *Adv in Health Sci Educ* 2010 Oct; 15(4):609-19. *Epub* 2008 Jun 5.

José de Souza Andrade Filho
Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Zoofilia erótica

Arary da Cruz Tiriba

Perguntas de jovens:

— *Existem perigos na transa com o animal?*

— *E quanto à gravidez?... [moça tivera distúrbio menstrual após relação com o cão]*

Surgida a discussão com estudantes de curso secundário. Procedimento — migrado da roça para a “selva urbana” — em debate no auditório de TV. Carregados de dúvidas os adolescentes! Alguma razão para a discussão aberta; à primeira vista, escabroso, porém oportuno para educação social, zoobiológica, sexual...

Zo ou *Zoo*, origem grega, referente a animal (ao reino, à espécie), presença frequente no vocabulário. Mais em voga: zoológico [jardim].

Zoologia, ramo das biociências que estuda os animais e o seu comportamento.

Zoófilo, zoantropo^{tró}, aquele que manifesta amor pelos animais.

Zooética trata dos costumes dos animais.

Zoofobia, demonstração espontânea de medo, desarraçado, até diante de animais inofensivos.

Zoopatia, delírio no curso do qual a pessoa crê que o animal habita o corpo próprio, passando a agir como tal...

Manifestação sintomática apreciada, também, na raiva humana: escarvar (o solo) como faz o cavalo com as patas; arranhar, morder e agredir, à maneira felina, especialmente, quando se trata de criança portadora da raiva.

Zoofilia, zoerastia, perturbação da sexualidade na qual os animais são objeto de desejo, de fixação erótica, resultando em excitação sexual e contato real ou fantasioso. Atos, inscritos em letras, em ilustrações. Maior incidência na área pecuária, pela ligação à atividade[in] durante a vida campestre.

Em países do Primeiro Mundo, livres de qualquer censura, permitiu-se a vitrina viva — exibição pornô — de mulheres com porcos treinados.



Casos escabrosos têm constituído prato cheio para pasquins:

Moça que já estava noiva chamou o táxi para ir ao Pronto-Socorro engatada com o pastor-alemão, seu amante...

Aos esclarecimentos! Pacientes, por nós assistidos, adquiriram infecções gravíssimas decorrentes do exercício!

Morador na área metropolitana adquiriu brucelose, secundada de endocardite, por mamar no úbere da cabra de sua propriedade! Raiva humana! Dramática e sem volta! Característica dominante, da doença, a premonição — da morte —, acompanhada pelo sentimento de culpa e de reparação. Adulto, praticou a emasculação com as próprias mãos. Despojar-se, da genitália, a tentativa vã de retratação!...

Ora, não se tratando de espécies afins, prenhez — especificamente —, fora de propósito... Porém, advertência: nem os calejados profissionais das biociências (biólogos, zoólogos, pecuaristas, pesquisadores...) estão isentos de complicações, indesejáveis, por contágio acidental! Tétano, tuberculose, leptospirose, brucelose, toxoplasmose, antraz (carbúnculo), listeriose (durante a exposição aos semoventes)... Tais diagnósticos, quiçá cumulativos, exigem o concurso do profissional especializado.

A relação sexual com animal — episódica, transitória — não deixa de ser inconsequente, mas enraizada passa a figurar entre *parafilias*, desvio irreversível!

Não é preciso ser notável psicólogo para alinhar causas da extravagância comportamental: imaturidade; indisponibilidade de educador informado; impulso à experiência advindo de imagens da internet; anseio por novas emoções; temor à AIDS; estímulo despertado pela droga... Entre as convergências comuns do momento. No cadinho onde fervilham doenças — emergentes —, imprevisível o que surgirá, a mais, da anomalia!

À discussão de grupo impõem-se seriedade e responsabilidade. Indispensável a presença do paladino do animal que explicitará o procedimento contranatural, subentendida a consideração bioética, o respeito ao animal. Igualmente, imprescindível a manifestação do hipiatro (do grego, *hippiatrós: veterinário*), do zoonatologista (outra denominação para o médico veterinário. No passado, cavalo, cavalaria, astros do espetáculo hípico nos salões palaciais, se não a alma, a arma do exército durante guerras. Rebanho, equino, objeto da atenção dos cuidadores! Será daí a origem da admirável profissão, a do hipiatro, o médico-veterinário?! *Chi lo sa!...*).

Ruth e seu olhar

Fim do Domingo de Ramos.

Faz inda muito calor.

Os santos são nossos amos,
Pois mostram de Deus o amor,

Da escuridão na janela
À luz vibrante da sala,
Eu vejo clara aquarela
Com muitas cores e escala.

Notícias boas e más
Fazem-me querer lutar.
O tempo passado traz
Lembranças de teu olhar.

Quanto te quero, Senhora,
Num amor que não descora.

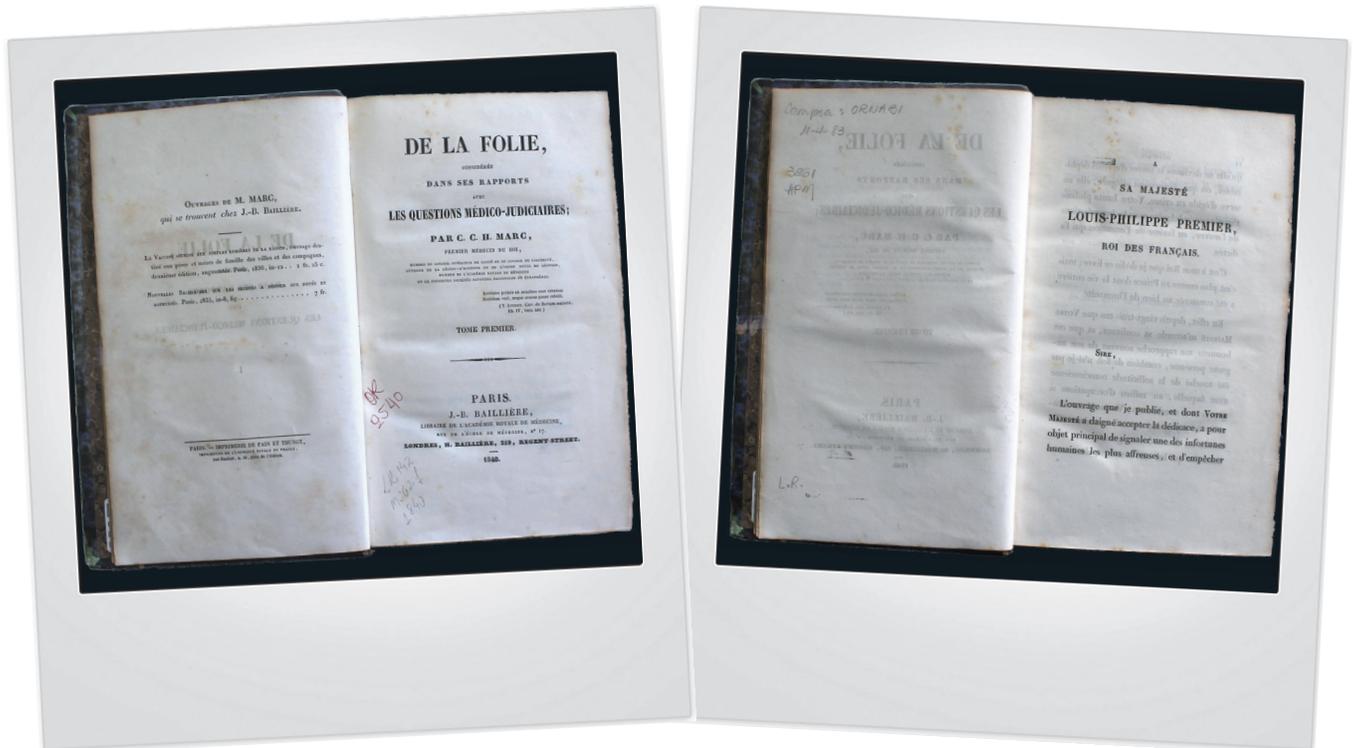
São Paulo, 13/04/2014.

Ives Gandra da Silva Martins

Arary da Cruz Tiriba

Professor Titular, aposentado, em atuação voluntária (UNIFESP/EPM), Membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo, ocupante da Cadeira 81, Adolpho Lutz

Coluna do livro



De la folie dans ses rapports avec les questions medico-judiciaires

Eis aqui uma joia rara, pouco conhecida, de C.C.H. MARC, Paris, Baillière, 1840. É uma das pouquíssimas publicações de psiquiatria-forense que surgiram antes de RICHARD von KRAFFT-EBING (o pai moderno da psiquiatria forense) e o seu *Trattado di psicopatologia forense* (primeira edição alemã, final da década de 1880). Recorde-se que o primeiro livro do gênero é de PAULO ZACCHIA, o Pai dos Peritos, com a monumental obra *Quaestionum medico-legalium* (1621-1650), praticamente a que “deu as cartas” até a vinda de KRAFFT-EBING. Nesse intervalo de tempo, como dito, existem pouquíssimas obras do gênero, entre elas, *Traité de la médecine legale des aliénés*, de BÉNÉDICT MOREL; *Frenologia forense*, de LIVI, de 1868; e este em comento, de 1840. Contém muitas descrições de casos clínicos e comentários eminentemente psiquiátricos

(não forenses), baseados em dois grandes da época, PHILIPPE PINEL, *Traité medico-philosophique sur l'aliénation mentale*, 1801, reeditado em 1809, e JEAN ETIENNE ESQUIROL, *Maladies mentales*, de 1838. A obra de MARC é em dois tomos. No primeiro, 560 páginas, mais 21 inúmeradas; no segundo, 738 páginas. Capa original; lombada em couro, necessitando restauro; miolo muito bem conservado; obra adquirida no sebo Ornabi, em 11 de abril de 1983, por Duílio Crispim Farina, então Diretor Cultural da APM e grande garimpeiro de gemas preciosas.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.